



**COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL  
INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO  
CURSO DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO - CEAR  
ACADEMIA BRASILEIRA DE TREINADORES - ABT**



**GIULIANO BATISTA SUCUPIRA  
JOANILDO COSTA JUNIOR  
LEANDRO GARROT RODRIGUES  
LEOPOLDO SINDICE DA SILVA**

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL DE PRAIA: PERSPECTIVAS PARA  
A FORMALIZAÇÃO PROFISSIONAL DA MODALIDADE NO BRASIL**

**RIO DE JANEIRO, 2018**

**GIULIANO BATISTA SUCUPIRA  
JOANILDO COSTA JUNIOR  
LEANDRO GARROT RODRIGUES  
LEOPOLDO SINDICE DA SILVA**

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL DE PRAIA: PERSPECTIVAS PARA  
A FORMALIZAÇÃO PROFISSIONAL DA MODALIDADE NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a banca examinadora da Academia Brasileira de Treinadores – ABT/COB, como requisito parcial à aprovação no Curso de Esportes de Alto Rendimento.

Orientado pelo professor Dr. Abdallah Achour Junior.

**RIO DE JANEIRO, 2018**

## RESUMO

**Introdução:** Muitos são os elementos necessários para o sucesso de uma modalidade esportiva. A organização corporativa do esporte e o alto nível dos atletas, certamente são fatores relevantes neste processo. Com o propósito de compreender o atual modelo de independência institucional dos centros de treinamentos, e a singularidade da representação do atleta, a partir de uma análise histórica e contemporânea, questiona-se no voleibol de praia brasileiro apesar de multicampeão, quais são os procedimentos necessários para a, ainda ausente, formalização profissional, bem como, conseguirá perpetuar os bons resultados sem uma renovação da estrutura organizacional? **Objetivo:** Diagnosticar as formas de desenvolvimento do voleibol de praia no Brasil e apontar perspectivas para a formalização profissional dos centros de treinamento e das equipes. **Materiais e métodos:** O presente estudo foi do tipo descritivo, sendo desenvolvido a partir de *surveys* eletrônicos. A amostra foi composta por 4 juízes especialistas, que atuaram no processo de validação do instrumento de Diagnóstico Organizacional do Esporte (DOE) e mais 118 entrevistados, sendo 58 atletas e 60 treinadores, dentre eles a elite do voleibol de praia mundial e representantes do Brasil em Jogos Olímpicos. **Resultados:** Foram obtidos por meio do instrumento DOE validado com avaliação satisfatória de  $CVt > 0,9$  ou seja, classificação excelente. No que diz respeito ao progresso organizacional do voleibol de praia, nota-se uma redução de 33% no quantitativo de etapas, quando comparado ao início da modalidade. Em contraponto a essa recessão brasileira, o calendário internacional tem se fortalecido com significativo crescimento de 1.366%. Essa diminuição de etapas é prejudicial ao desenvolvimento da modalidade, haja vista que 88% dos atletas que disputam a competição referência do esporte no Brasil utilizam-se da premiação dos torneios para o financiamento da sua presença na próxima competição, também para a manutenção financeira do local de treinamento e linha de profissionais envolvidos na sua preparação. Ressalta-se que essa dependência do recurso adquirido da premiação dos atletas, também é a fonte responsável para 45% dos treinadores entrevistados se deslocarem com sua equipe técnica para as competições, resultando em um ciclo financeiro ineficiente característico da informalidade dos profissionais desse esporte no Brasil. **Conclusão:** Aponta-se a necessidade da regulamentação dos centros de treinamentos juntos a Confederação e o incentivo destes, à institucionalização por meio de clubes, empresas ou associações é a forma apropriada para a formalização profissional dos atletas e treinadores do voleibol de praia brasileiro.

**Palavras-chave:** Voleibol; Esportes; Atletas.

## ABSTRACT

**Introduction:** Many are the elements necessary for the success of a sporting modality. The corporate organization of the sport and the high level of the athletes are certainly relevant factors in this process. In order to understand the current institutional independence model of the training centers, and the singularity of the athlete's representation, based on a historical and contemporary analysis, there is question in Brazilian beach volleyball despite multi-champion, what are the necessary procedures to the, still absent, professional formalization, as well as, will manage to perpetuate the good results without a renewal of the organizational structure? **Objective:** To diagnose the forms of development of beach volleyball in Brazil and to point out prospects for the professional formalization of training centers and teams. **Materials and methods:** The present study was of the descriptive type, being developed from electronic surveys. The sample consisted of 4 expert judges, who participated in the validation of the instrument of Organizational Diagnosis of Sport (ODS) and 118 interviewees, of which 58 athletes and 60 coaches, among them the elite of world beach volleyball and representatives of Brazil in Olympic Games. **Results:** They were obtained through the ODS instrument validated with a satisfactory evaluation of  $CVCt > 0.9$  ie excellent classification. With regard to the organizational progress of beach volleyball, there is a 33% reduction in the number of stages when compared to the beginning of the sport. In contrast to this Brazilian recession, the international calendar has strengthened with a significant growth of 1.366%. This decrease in stages is detrimental to the development of the modality, since 88% of the athletes who compete for the sport's reference competition in Brazil use the tournament prizes to finance their presence in the next competition, also for the financial maintenance of the sport. training site and line of professionals involved in its preparation. It is noteworthy that this dependence on the athletes' award-winning resource is also the source responsible for 45% of the coaches interviewed to travel with their technical team for the competitions, resulting in an inefficient financial cycle characteristic of the informality of the professionals of this sport in Brazil. **Conclusion:** The need to regulate the training centers together with the Confederation and their encouragement, the institutionalization through clubs, companies or associations is the appropriate form for the professional formalization of athletes and coaches of Brazilian beach volleyball.

**Keywords:** Volleyball; Sports; Athletes.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Fluxograma do estudo .....	14
<b>Figura 2</b>	Formação acadêmica dos treinadores .....	24
<b>Figura 3</b>	Tempo de atuação profissional dos treinadores .....	25
<b>Figura 4</b>	Vínculo empregatício dos treinadores .....	26
<b>Figura 5</b>	Fonte de recursos financeiros para o local de treino .....	26
<b>Figura 6</b>	Fonte de recursos para a equipe técnica participar das competições .....	27
<b>Figura 7</b>	Ciclo financeiro ineficiente do profissional de voleibol de praia brasileiro .....	27
<b>Figura 8</b>	Linha de profissionais envolvidos na equipe .....	28
<b>Figura 9</b>	Tempo de atuação profissional dos atletas .....	29
<b>Figura 10</b>	Formação acadêmica dos atletas.....	30
<b>Figura 11</b>	Fonte de recursos para o atleta participar das competições	31
<b>Quadro 1</b>	Painel de representatividade dos juízes especialistas .....	15

## LISTAS DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Coeficiente de validade de conteúdo de acordo com a clareza de linguagem e pertinência prática .....	19
<b>Tabela 2</b>	Atletas registrados na CBV, agrupados por ciclo olímpico ..	20
<b>Tabela 3</b>	Principais resultados internacionais .....	20
<b>Tabela 4</b>	Etapas do circuito adulto nacional e internacional .....	21

## **LISTAS DE ABREVIATURAS**

CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
VP	Voleibol de Praia
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
DOE	Diagnóstico Organizacional do Esporte

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
1.1 Objetivo geral .....	7
1.2 Objetivos específicos .....	8
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	9
2.1 Historicidade do voleibol de praia .....	9
2.2 Profissionalização do esporte .....	10
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	13
3.1 Delineamento da pesquisa .....	13
3.2 População e amostra .....	13
3.3 Procedimentos éticos .....	13
3.4 Critérios de inclusão e exclusão .....	13
3.5 Fluxograma do estudo .....	14
3.6 Procedimentos .....	14
3.7 Validade de conteúdo.....	14
3.7.1 Fase de desenvolvimento .....	15
3.7.2 Fase de julgamento .....	15
3.8 Investigação .....	16
3.9 Tratamento dos dados e estatística .....	17
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	19
4.1 Validação do instrumento de Diagnóstico Organizacional do Esporte (DOE) .....	19
4.2 Progresso de desenvolvimento do voleibol de praia .....	19
4.3 DOE na perspectiva do treinador .....	23
4.4 DOE na perspectiva do atleta de alto rendimento .....	28
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	33
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	34



APÊNDICE A – Carta convite aos juízes especialistas .....	38
APÊNDICE B – Questionário DOE apresentado aos juízes especialistas ...	40
ANEXOS .....	42

## **1 INTRODUÇÃO**

O esporte é sem dúvidas um fenômeno mundial. No Brasil, a modalidade do voleibol de praia tem ganhado destaque principalmente por seu desempenho esportivo nos Jogos Olímpicos, onde lidera o número de conquistas com 13 pódios, desde a estreia da modalidade no programa Olímpico, a partir dos jogos de Atlanta 1996 (MEDEIROS et al., 2012; EBC, 2016).

Nesse sentido, há mais de duas décadas o Brasil se sustenta como referência no voleibol de praia, esse destaque não está limitado apenas às conquistas olímpicas, atualmente o país obtém os maiores êxitos mundiais com as categorias de ascensão ao adulto – Sub19 e Sub21. (FIVB, 2018)

Por consequência, não somente o nível dos atletas, mas a organização corporativa da modalidade é um fator relevante para este sucesso. Costa (2005) corrobora com esse entendimento, ao identificar que devido a gestão dos eventos nacionais e da seleção brasileira, desde o final da década de 80, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), centraliza a organização, estruturação e o funcionamento do voleibol de praia no Brasil.

Para Batista (2006) as composições do treinamento, a partir da importante figura do treinador e principalmente pela dinâmica de trabalho da equipe técnica, são preponderantes para o alcance de resultados ainda mais expressivos.

Apesar de razoável aporte bibliográfico acerca da modalidade, estudos que se dediquem em uma investigação do panorama evolutivo do voleibol de praia no Brasil parecem ser desconhecidos. Desta feita, consideramos historiar os resultados e o desenvolvimento das competições a fim de conhecer mais profundamente esse fenômeno.

Desse modo, a pergunta norteadora da presente pesquisa é: o modo atual de desenvolvimento do voleibol de praia nacional produziu até então bons resultados, porém é apropriado para a manutenção dos centros de treinamento e gestão financeira das equipes?

### **1.1 Objetivo geral**

- Diagnosticar as formas de desenvolvimento do voleibol de praia no Brasil e apontar perspectivas para a formalização profissional dos centros de treinamento e das equipes.

## **1.2 Objetivos específicos**

- Validar um instrumento de Diagnóstico Organizacional do Esporte (DOE);
- Historiar o processo de desenvolvimento do voleibol de praia;
- Diagnosticar o desenvolvimento do voleibol de praia na perspectiva do treinador
- Diagnosticar o desenvolvimento do voleibol de praia na perspectiva do atleta de alto rendimento;

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Historicidade do voleibol de praia

O Voleibol é uma modalidade que se iniciou em 1895 pelo americano Willian George Morgan, no qual deu origem ao Vôlei de Praia (VP). Inicialmente era praticado em ginásios, contudo logo ganhou as areias americanas na década de 1920.

Sua implantação ao fim da guerra em duas universidades americanas localizadas na Califórnia, a UCLA (University of California) e a USC (University of Southern California) facilitou e impulsionou o desenvolvimento do VP. Na Europa, o VP surgiu no ano de 1930, em Palavras, Lacanau e Royan (França), Sofia (Bulgária), Praga (Tchecoslováquia) e Riga (Letônia) (LACERDA, 2002).

No Brasil o vôlei de praia começou a ser praticado no final da década de 1930, seguindo o modelo americano de prática e lazer restrito às elites. Desenvolveu-se nas praias do Rio de Janeiro, em Copacabana, Ipanema e Leblon, e posteriormente se difundiu ao longo da costa nacional, chegando ao interior do País inserido nos clubes sociais de elite (AFONSO, 2004).

Em 1947, a imprensa brasileira por meio do *Jornal dos Sports*, foi responsável pelos primeiros torneios de VP. O *Jornal dos Sports* continuou organizando os campeonatos até 1952. Os jogos costumavam acontecer em Ipanema, na Urca e em Copacabana, praias onde as finais aconteciam no posto 6. Após dez anos de paralisação, os campeonatos do *Jornal dos Sports* voltam a acontecer em 1962 (MARQUES JR., 2012).

Com a criação da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) em 1954 no Rio de Janeiro, a modalidade ganha contornos mais estruturados com a organização de campeonatos de VP no território Nacional.

A modalidade pega carona no sucesso do vôlei *indoor* com a conquista da medalha de prata nas olimpíadas de Los Angeles e, “finalmente o vôlei de praia irrompe no cenário nacional como espetáculo esportivo de massa” (AFONSO, 2004, p.6).

Para aproveitar a notoriedade que os jogadores da seleção brasileira de vôlei *indoor* desfrutavam logo após os Jogos Olímpicos de Los Angeles, a

imprensa pioneira em marketing da América do Sul, a Kock Tavares, teve a iniciativa de criar o *I Hollywood Vôlei de Praia* (AFONSO, 2011).

Os eventos realizados em 1985 nas areias do Guarujá-SP e Ipanema-RJ, foram um sucesso pela organização e também pela participação de jogadores da geração de prata como Renan, Montanaro, Willian, Isabel, Jackeline, Vera Mossa.

No ano seguinte, a CBV junto com a Kock Tavares organizaram o Hollywood Vôlei de Praia Internacional. Grandes jogadores da época participaram do torneio, incluindo os campeões olímpicos, Pat Powers e Sinjin Smith. O evento se tornou o maior da América Latina, reunindo mais de 5 mil torcedores (FIVB). “Essa foi a primeira evolução significativa deste esporte, que desencadeou transformações no panorama nacional e também mundial do VP” (AFONSO; MARCHI JR., 2012).

Por meio do empenho da CBV junto a FIVB, a entidade trouxe para a praia de Ipanema o *I Campeonato Mundial de Voleibol de Praia*, com premiação de 22 mil dólares e sendo conquistado pela dupla Sinjin Smith e Randy Stoklos.

Em 1989, a CBV criou a Unidade Vôlei de Praia (UVP), com independência financeira e quadro de pessoal exclusivo para gerir o VP, juntamente com o manual do Vôlei de Praia, documento que esclarece sobre todas as atividades da modalidade no País (COSTA, 2005).

Em 1991 cria-se o Circuito Nacional de Duplas de vôlei de Praia, com o patrocínio do Banco do Brasil, tendo como dupla campeã no ano Paulão e Paulo Emílio. Com a inclusão da modalidade como esporte olímpico em 1993, o VP estréia nas Olimpíadas de Atlanta em 1996, e o Brasil conquista um ouro (Jackeline Silva e Sandra Pires) e uma prata no feminino (Adriana Samuel e Mônica Rodrigues) (CBV;FIVB, 2018).

Atualmente o VP conquistou mais duas medalhas (ouro no masculino e prata no feminino) nas Olimpíadas do Rio de Janeiro e que, desde sua inclusão no ciclo olímpico, sempre conquistou medalhas para o país, computando 13 pódios.

## **2.2 Profissionalização do esporte**

O esporte assumiu durante a história da humanidade como meio de sobrevivência, lazer, propaganda governamental, formação humana, alienação de massa, ferramenta de promoção da saúde e atividade profissional, dentre outras. Acredita-se que todas essas manifestações esportivas ainda estejam presentes de alguma forma em nossa sociedade. Tais fatos ocorridos durante toda a sua evolução histórica o torna nos dias de hoje um grande fenômeno devido a fatores variados, como a superexposição na mídia, ao apoio do estado, aos investimentos das grandes marcas de material esportivo e empresas privadas ou simplesmente por possibilitar aos praticantes das classes menos favorecidas uma chance de ascensão social e financeira (ESTEVEZ, 2014; KUNZ 2006).

O processo histórico de surgimento/desenvolvimento do esporte moderno se expande a partir do sistema rudimentar de prática por meio do Movimento Olímpico Internacional desde a Grécia antiga até os dias de hoje, onde se podem examinar as relações entre o esporte e a sociedade ao longo dos anos. O esporte une os povos, cria identidade de uma nação, proporciona interação entre pessoas das mais variadas etnias, crenças e culturas (PIRES, 1998).

O esporte se apresenta para a sociedade contemporânea como um fenômeno de grande abrangência social tanto do ponto de vista do espetáculo como também como atividade profissional e comercial. Manifestação capaz de provocar grande emoção e comoção, o esporte se diferencia de outros espetáculos por levar protagonistas e espectadores a se posicionarem, desta forma, divide profundamente opiniões porque provoca a polarização emocional e ideológica, e que diante de um objeto investido de tanta libido e afetividade é difícil permanecer neutro ou indiferente (ARDOINO E BROHM, 1995; RUBIO, 2006)

Nessa perspectiva, estudos que abordam essa relação do esporte e trabalho são encontrados no meio científico. Há exemplo da própria profissionalização do esporte de rendimento, ocasionando, ao menos para os trabalhadores deste setor (atletas, técnicos, dirigentes, e outros), o intento em transformar essa relação única. Além de alterar profundamente as relações destes profissionais entre si, gerando competitividade mais exacerbada externa e internamente à equipe, em razão de

resultados que significam melhores recompensas financeiras, a consolidação de um mercado de trabalho que paga regamente seus ídolos (ainda que a imensa maioria seja constituída de proletários do esporte) faz que o esporte passe a representar uma possibilidade de mobilidade social, provocando em muitos jovens de classes desfavorecidas uma busca por ascensão vertical (PIRES, 1998; KUNZ, 2006).

Para Pires (1998), o esporte admite proceder a mudanças estruturais, de modo a tornar-se mais adequado ao veículo e atraente ao mercado consumidor mediado pela indústria midiática. Podemos citar algumas destas alterações, a fim de, pelo exemplo, introduzirmos a discussão:

a) as mudanças de regras nos esportes coletivos, tornando-os mais atrativos para a mídia.

b) a introdução de paradas estratégicas no decorrer dos tempos de disputa (“tempo técnico”), a fim de que possam ser veiculadas mensagens comerciais dos patrocinadores;

c) o convívio de sistemas esportivos paralelos às federações e às confederações (as Ligas), possibilitando ampliar o número de espetáculos oferecidos e garantir-lhes maior qualidade técnica.

Nesse sentido, observam-se crescentes mudanças no voleibol, constatando um grande esforço da FIVB (Federação Internacional de Voleibol) para que o voleibol chegue a ser um dos principais esportes do mundo, oferecendo um bom espetáculo que seja compatível com as exigências da procura esporte moderno, estas modificações afetaram o jogo em si especialmente no controle de bola, e sobremaneira atendeu a características necessárias para se tornar um com apelo da mídia televisiva (PINTO, SUCUPIRA E RAPOSO, 2002; SUCUPIRA, 2014).

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 Delineamento da pesquisa**

O presente estudo foi do tipo descritivo, sendo desenvolvido um instrumento para validação de conteúdo e posterior investigação a partir de *surveys* eletrônicos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007; PASQUALI, 1999; MORROW et al., 2013;).

#### **3.2 População e amostra**

A população foi composta pelos 120 melhores atletas do ranking brasileiro Open e pelos 125 treinadores registrados na confederação. Participaram do estudo 118 entrevistados, sendo 58 treinadores e 60 atletas de ambos os sexos, e no processo de validação do instrumento de Diagnóstico Organizacional do Esporte (DOE), participaram 4 juízes especialistas. Destaca-se que dentre os atletas entrevistados, 26 destes se encontram do 1º ao 8º lugar do ranking nacional, caracterizando a elite do voleibol de praia mundial e representante do Brasil em Jogos Olímpicos.

#### **3.3 Procedimentos éticos**

O presente projeto foi submetido e aprovado com o parecer nº 2.955.520 (Anexo A) pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e atendendo á todos os requisitos do Conselho Nacional de Saúde – Resolução 466/12. Durante toda a execução do projeto e além das aprovações legais, foi mantida a ética, no que se refere ao atendimento e acompanhamento dos participantes da pesquisa, bem como sigilo e confidencialidade dos dados ao longo das coletas e após o tratamento dos dados para publicação. Após todas as explicações dos procedimentos da pesquisa os participantes foram orientados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



### 3.4 Critérios de inclusão e exclusão

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão no estudo: Treinadores com formação profissional, registro no conselho da categoria e aprovados no Curso Nacional de Treinadores da CBV – Nível I. Para os atletas foi necessário obter maior idade, registro na CBV e estarem participando do circuito brasileiro Open.

Foram adotados os seguintes critérios de exclusão: Treinadores e atletas que eventualmente deixaram de responder os questionários ou não atribuíram nota nas avaliações dos itens.

### 3.5 Fluxograma do estudo

A pesquisa foi elaborada em três momentos distintos: Conforme apresentado na Figura 1. Ocorrendo inicialmente, o desenvolvimento do questionário DOE, logo após o instrumento foi apresentado e avaliado por 4 juízes especialistas, a partir da sua clareza de linguagem e pertinência prática e posteriormente 118 entrevistados por meio de *surveys* eletrônicos.



Figura 1 – Fluxograma do estudo

### 3.6 Procedimentos

Os procedimentos da pesquisa foram desenvolvidos de acordo com cada estágio do estudo relatados a seguir:

### 3.7 Validade de conteúdo

O presente estudo, baseado no modelo proposto por Pasquali (1999) e Morrow et al. (2013), considerou o processo de validade de conteúdo em duas etapas, sendo a primeira a fase de desenvolvimento, referente à criação do instrumento e posteriormente a fase de julgamento, a partir de um painel de juízes.

#### 3.7.1 Fase de desenvolvimento

O sucesso do voleibol de praia no Brasil é notório há décadas, contudo há necessidade atualmente de desenvolver um modelo organizacional que colabore para uma formalização profissional dos centros de treinamento e dos atletas.

A avaliação consiste em dois parâmetros, a partir da ótica do: a) Atleta; b) Treinador. Diante disso, somado ao conhecimento dos autores na modalidade, os elementos foram refinados e organizados em sequência, constituindo a confecção de um instrumento (questionário) para avaliação.

#### 3.7.2 Fase de julgamento

Fundamentado em orientações prévias, o presente estudo recrutou quatro especialistas com diferentes qualificações, de modo a alcançar uma variedade do painel (GRANT; DAVIS, 1997; PASQUALI, 1999). Detalhes do perfil dos juízes especialistas e tempo de experiência com o voleibol de praia sejam no ensino, na pesquisa ou na prática estão apresentados no Quadro 01.

Quadro 01 - Painel de representatividade dos juízes especialistas

JUIZ	FORMAÇÃO/ATUAÇÃO NO VÔLEI DE PRAIA	EXPERIÊNCIA
Juiz 1	Técnico campeão olímpico, mundial e brasileiro. Doutor. Professor de graduação e pós-graduação.	23 anos
Juiz 2	Mestre. Professor de graduação. Pesquisador da modalidade	19 anos
Juiz 3	Atleta campeã do Circuito Mundial, Bicampeã do Super Praia	17 anos
Juiz 4	Atleta campeão Sul-americano e Brasileiro	17 anos

Dessa maneira, os juízes foram requisitados a partir de uma carta convite (Apêndice A) constando o conceito base da pesquisa, os objetivos do projeto e a justificativa da escolha do referido juiz (BERK, 1990; GRANT; DAVIS, 1997).

Munidos destas informações, os juízes foram orientados a avaliar o instrumento como um todo, com a intenção de determinar a abrangência destes domínios (BERK, 1990; COLUCI; ALEXANDRE; MILANI, 2015). Subsequentemente foi solicitado que avaliassem cada item individualmente a partir da clareza e pertinência (GRANT; DAVIS, 1997), utilizando uma escala própria para tal análise.

A clareza de linguagem considera o vocabulário empregado nos itens, tendo em vista as características da população que fará uso do instrumento (técnicos e atletas). A pergunta a ser respondida foi: "O senhor (a) acredita que a linguagem de cada item de observação é suficientemente clara, compreensível e adequada para esta população? Em que nível?"

Enquanto a pertinência prática considera se de fato cada item de observação possui importância para o questionário. A pergunta a ser respondida é: "O senhor(a) acredita que os itens propostos são pertinentes para diagnosticar as formas de desenvolvimento da modalidade e suficientes para apontar perspectivas para a profissionalização? Em que nível?"

O instrumento consistiu de oito perguntas e suas respostas foram dadas em uma escala Likert de cinco pontos, sendo 1= Inadequado; 2= Pouquíssimo adequado; 3= Pouco adequado; 4= Adequado; 5= Muito adequado. O instrumento constava ainda em seu desfecho, de um campo para observações, onde o juiz poderia contribuir com a sugestão ou alteração dos itens (Apêndice B).

### **3.8 Investigação**

Após concluir a validação por meio da validade de conteúdo, um grupo conceituado e diversificado de 58 treinadores e 60 atletas, foram procurados por meio de aplicativo de mensagens ou contato pessoal e solicitados em tempo oportuno, que respondessem o questionário DOE eletrônico, a fim de

investigar a necessidade ou não, da formalização profissional do voleibol de praia por meio da institucionalização.

### 3.9 Análise e tratamento dos dados

As análises seguiram as necessidades de cada estágio do estudo e foram desenvolvidos segundo os parâmetros apresentados na literatura, como mostrados a seguir:

Para a análise do percentual de juízes em concordância, optou-se pelo Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), método suportado em pesquisas prévias (ABURACHID; GRECO, 2010; BALBINOTTI; BENETTI; TERRA, 2006; GRECO et al., 2014; MORALES; GRECO; ANDRADE, 2012). No que se refere à clareza da linguagem e a pertinência prática, calculou-se o CVC para cada item do instrumento (CVC<sub>i</sub>), bem como a avaliação do instrumento como um todo (CVC<sub>t</sub>). Com base nas notas dos juízes, aferiu-se a média das notas de cada item da seguinte maneira:

1) Com base nas notas dos juízes, calculou-se a média das notas de cada item ( $M_x$ ):

$$M_x = \frac{\sum_{i=1}^J x_i}{J}$$

Onde  $\sum x_i$  representa a soma das notas dos juízes e  $J$  representa o número de juízes que avaliaram o item.

2) Com base na média, calculou-se o CVC para cada item (CVC<sub>i</sub>):

$$CVC_i = \frac{M_x}{V_{máx}}$$

Onde  $V_{máx}$  representa o valor máximo que o item poderia receber.

3) Realizou-se ainda o cálculo do erro ( $P_{ei}$ ), para descontar possíveis vieses

dos juízes avaliadores, para cada item:

$$Pe_i = \left(\frac{1}{J}\right)^J$$

4) Com isso, o CVC final de cada item ( $CVC_c$ ) foi assim calculado:

$$CVC_c = CVC_i - Pe_i$$

5) Para o cálculo do CVC total do questionário ( $CVC_t$ ), para cada uma das características (clareza de linguagem, pertinência prática), utilizou-se:

$$CVC_t = Mcvc_i - Mpe_i$$

Onde  $Mcvc_i$  representa à média dos Coeficientes de Validade de Conteúdo dos itens do questionário e  $Mpe_i$  a média dos erros dos itens do questionário. O  $CVC_t$  refere-se ao valor calculado para o instrumento no geral, isto é, a média calculada para todos os itens referente à clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica, por meio de análises realizadas pelo programa Microsoft® Excel® 2007. Neste estudo, o ponto de corte para determinar níveis satisfatórios para cada item e também à totalidade do instrumento, tanto em clareza como na pertinência foi de  $CVC > 0,80$  (HERNÁNDEZ-NIETO, 2002).

Os dados provenientes da investigação por meio do DOE, foram representados pela estatística descritiva com valores expressos em média e percentual de frequência.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Validação do instrumento de Diagnóstico Organizacional do Esporte (DOE)

A partir da avaliação dos quatro juízes especialistas, todos os itens do instrumento apresentaram CVCc satisfatórios, com valores superiores ao ponto de corte estabelecido ( $>0,8$ ) tanto na clareza de linguagem quanto na pertinência prática (Tabela 1). Com relação à avaliação do instrumento em sua totalidade, o CVCt obteve concordância de 0,93 para clareza de linguagem e 0,96 para pertinência prática, classificando-os como excelente de acordo com a ordem proposta por Hernández-Nieto (2002).

Tabela 1 - Coeficiente de validade de conteúdo de acordo com a clareza de linguagem e pertinência prática

Item	Clareza da Linguagem			Item	Pertinência Prática		
	Média	CVCi	CVCc		Média	CVCi	CVCc
1	4,50	0,90	0,89	1	4,75	0,95	0,94
2	4,75	0,95	0,94	2	5,00	1,00	0,99
3	4,50	0,90	0,89	3	4,75	0,95	0,94
4	4,50	0,90	0,89	4	5,00	1,00	0,99
5	5,00	1,00	0,99	5	5,00	1,00	0,99
6	5,00	1,00	0,99	6	5,00	1,00	0,99
7	4,50	0,90	0,89	7	5,00	1,00	0,99
8	4,75	0,95	0,94	8	4,25	0,85	0,84

Para tanto, o primeiro objetivo do estudo foi alcançado com êxito, por meio do processo de validação de conteúdo, onde os cálculos do CVC apontam a validade do questionário, com os valores suportados em estudos prévios (ABURACHID; PÉREZ MORALES; GRECO, 2013; ANDRADE et al., 2018; MACHADO; VALENTIM; STEFANELLO, 2016; MORALES; GRECO; ANDRADE, 2012; SALDANHA; BALBINOTTI; BALBINOTTI, 2015)

### 4.2 Processo de desenvolvimento do voleibol de praia

De acordo com o levantamento histórico realizado, é notório o aumento do número de atletas registrados na confederação brasileira. Desde a inserção

da modalidade nas Olimpíadas essa evolução tem ganhado força, e a cada ciclo olímpico percebe-se este crescimento exponencial (Tabela 2).

Tabela 2 – Atletas registrados na CBV, agrupados por ciclo olímpico

<b>Ciclo Olímpico</b>	<b>Atletas</b>
1996	N/I
2000	1750
2004	1873
2008	3260
2012	4883
2016	7255

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol, 2018. Legenda: N/I= Não Informado

Considerando os dez primeiros anos deste processo, a CBV computou mais de 7 mil atletas cadastrados. Esse crescimento apresenta-se de maneira exponencial, porém, inferior se comparado aos 11 mil atletas federados no tênis de acordo com Bertozzi (2008). Assim, apesar de ser um esporte bem desenvolvido, parece que o acesso dos praticantes do voleibol de praia ao processo federativo é um pouco restrito.

Como possível resposta para essa rápida evolução, certamente os resultados obtidos nos Jogos Olímpicos e nos campeonatos mundiais pelas duplas adultas, bem como nas categorias Sub19 e Sub21, fizeram com que o Brasil ocupasse um lugar de destaque no cenário esportivo internacional (Tabela 3), semelhantemente ao processo ocorrido no voleibol *indoor* (FONSECA-TOLEDO; ROQUETTI; FERNANDES-FILHO, 2010; PETROSKI et al., 2013)

Tabela 3 – Principais resultados internacionais

<b>Competição</b>	<b>Classificação</b>					
	<b>1° Lugar</b>		<b>2° Lugar</b>		<b>3° Lugar</b>	
	<b>Masc./Fem.</b>		<b>Masc./Fem.</b>		<b>Masc./Fem.</b>	
Jogos Olímpicos	2	1	3	4	1	2
Campeonato Mundial	7	5	4	5	4	6
Mundial Sub21	6	8	3	1	2	3
Mundial Sub19	3	4	1	2	0	0

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol; 2018. Legenda: Masc.=Masculino; Fem.= Feminino

Outro fator que exemplifica o crescimento da modalidade é aumento do calendário de competições. Na Tabela 4 estão apresentados a quantidade de etapas do circuito adulto brasileiro e mundial.

Tabela 4 – Etapas do circuito adulto nacional e internacional

Temporada	Etapas do Circuito Mundial	
	Nacional	Masculino Feminino
1989	-	3 Open -
1990	-	4 Open -
1991	5 Open (M)	6 Open -
1992	16 Open (M)	5 Open 1 Open
1993	18 Open	3 Open 3 Open
1994	19 Open	6 Open 5 Open
1995	17 Open	17 Open 11 Open
1996	10 Open	15 Open 11 Open
1997	8 Open	10 Open 8 Open
1998	12 Open	13 Open 8 Open
1999	11 Open	12 Open 6 Open
2000	12 Open	13 Open 11 Open
2001	16 Open	1 Grand Slam 9 Open 1 Grand Slam 1 Grand Slam
2002	15 Open 3 Challenger	9 Open 2 Grand Slam 2 Grand Slam
2003	15 Open 5 Challenger	5 Open 4 Grand Slam 4 Grand Slam
2004	12 Open 4 Challenger	11 Open 3 Grand Slam 3 Grand Slam
2005	12 Open 3 Challenger	11 Open 3 Grand Slam 3 Grand Slam
2006	12 Open 4 Challenger	10 Open 4 Grand Slam 4 Grand Slam
2007	12 Open 4 Challenger	12 Open 4 Grand Slam 4 Grand Slam
2008	12 Open 4 Challenger	14 Open 6 Grand Slam 5 Grand Slam
2009	12 Open	9 Open 4 Grand Slam 4 Grand Slam
2010	12 Open	6 Open 5 Grand Slam 6 Grand Slam
2011	15 Open 3 Challenger	7 Open 5 Grand Slam 6 Grand Slam
2012	4 Open 4 Challenger	3 Open 8 Grand Slam 4 Open 8 Grand Slam



2012/2013*	10 Open 4 Challenger	3 Open 10 Grand Slam	4 Open 10 Grand Slam
2013/2014*	09 Open 1 SuperPraia 4 Challenger	8 Open 10 Grand Slam	8 Open 10 Grand Slam
2014/2015*	09 Open 1 SuperPraia 4 Challenger	8 Open 5 Grand Slam 3 Major 1 Finals	8 Open 5 Grand Slam 3 Major 1 Finals
2015/2016*	08 Open 1 SuperPraia 4 Challenger	10 Open 4 Grand Slam 4 Major 1 Finals	8 Open 4 Grand Slam 4 Major 1 Finals
2016/2017*	09 Open 1 SuperPraia 4 Challenger	3 Cinco Estrelas 2 Quatro Estrelas 5 Três Estrelas 2 Duas Estrelas 5 Uma Estrela 1 Finals	3 Cinco Estrelas 2 Quatro Estrelas 4 Três Estrelas 4 Duas Estrelas 7 Uma Estrela 1 Finals
2017/2018*	07 Open 1 SuperPraia 4 Challenger	3 Cinco Estrelas 10 Quatro Estrelas 6 Três Estrelas 3 Duas Estrelas 21 Uma Estrela 1 Finals	3 Cinco Estrelas 8 Quatro Estrelas 5 Três Estrelas 6 Duas Estrelas 20 Uma Estrela 1 Finals

Fonte: Confederação Brasileira de Voleibol, 2018; Federação Internacional de Voleibol, 2018.

Legenda: M=Masculino; \*=Referência a um ano da temporada internacional

Neste levantamento histórico ressalta-se que no início da modalidade, as competições do voleibol de praia eram disputadas apenas por atletas do sexo masculino. A partir da terceira temporada nacional e da quarta temporada do circuito mundial, as etapas passaram a ser disputadas para ambos os sexos. Essa igualdade permanece até os dias de hoje no Brasil, contudo, no calendário internacional há ainda diferença no quantitativo de etapas entre o sexo masculino e feminino.

Os dados desta recolha também mostram que apesar do contínuo crescimento na população praticante e dos resultados expressivos do Brasil nas competições internacionais, o calendário brasileiro têm sido reduzido consideravelmente a níveis menores do que quando iniciara. Nesse sentido, a primeira temporada para ambos os sexos realizados em 1993, contou com o total de 18 etapas. Quando comparado ao último período pesquisado em 2017/2018, com apenas 12 etapas, nota-se uma redução de 33%.

Em contraponto a essa recessão brasileira, o circuito mundial têm se fortalecido e realizado constantes mudanças em sua estrutura competitiva, agregando com isso mais países participantes e conseqüentemente, maior visibilidade ao redor do mundo. Chegando a incrível marca de 44 torneios na temporada masculina de 2018, número 14x maior que sua primeira edição, ou seja, crescimento significativo superior a 1.366%.

### **4.3 DOE na perspectiva do treinador**

Atendendo a um dos objetivos da pesquisa, o presente estudo entrevistou 58 treinadores brasileiros. De maneira ampla, o questionário DOE foi respondido por grande parte dos treinadores das principais duplas do Brasil, ranqueados no circuito nacional e internacional, bem como treinadores que compõem a base do desporto.

Com relação ao perfil dos treinadores, verificou-se que este grupo obtém uma faixa etária entre 27 a 54 anos e estão distribuídos principalmente nas regiões Sudeste (43%) e Nordeste (38%), e com menores percentuais nas regiões Centro-Oeste (9%), Sul (7%) e Norte (3%). Essa concentração é justificada pelo perfil climático da região e a maior extensão litorânea, o que favorece a prática constante e assim, maior frequência de duplas em treinamento.

Mais de uma década após a pesquisa de Batista (2006), os perfis dos treinadores se apresentam semelhantes tanto em faixa etária (27 a 57 anos) como nas regiões com maiores agrupamentos (50% Nordeste e 47% no Sudeste). Porém, um dado que merece destaque no presente estudo, é a presença de treinadores da região Centro-Oeste e Norte, que no estudo anterior não se apresentavam, ou seja, esses indicativos corroboram com o entendimento de expansão da modalidade em todo o território brasileiro.

Esse crescimento é manifesto não somente no aspecto quantitativo, a evolução do perfil acadêmico do treinador requer considerável atenção. Anteriormente, 46% destes profissionais possuíam somente o ensino médio completo ou eram estudantes de Educação Física (BATISTA, 2006). No presente estudo, treinadores que obtêm apenas o segundo grau de escolaridade ou são graduandos, corresponde apenas 14% da pesquisa. Mais

de 60% dos entrevistados já possuem ensino superior completo (Figura 2). Neste quesito, os percentuais são semelhantes (69%) ao de treinadores de voleibol *indoor* de Portugal que possuem também essa formação acadêmica superior (RESENDE; MESQUITA; ROMERO, 2007).

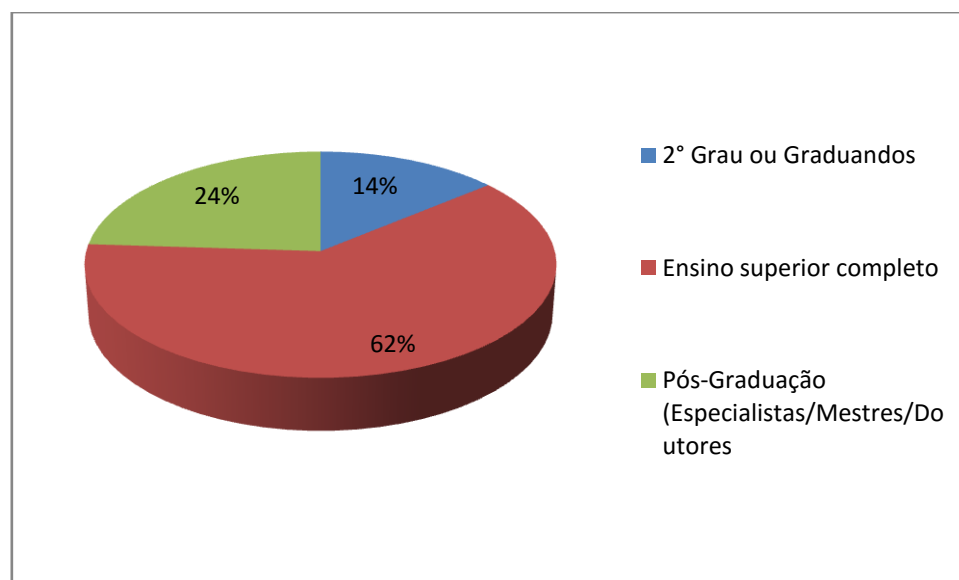


Figura 2 – Formação acadêmica dos treinadores

O fato de se obter maior oferta de cursos superior na área da Educação Física, tem facilitado o acesso dos treinadores ao conhecimento científico, além disso, a necessidade de adquirir o máximo de conhecimento para contínua evolução do esporte irá requerer cada vez mais entendimento teórico e prático dessa classe.

Os resultados encontrados quanto ao tempo de atuação profissional, mostram que os treinadores possuem média de 11,4 anos  $\pm$  5,45, sendo a maioria (34%) deles têm entre seis e dez anos de profissão (Figura 3). E do total destes treinadores 91% possuem registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF). Nesse sentido, quando comparado com o treinador profissional de voleibol em Portugal, o técnico brasileiro apesar de, não ser reconhecido profissionalmente, exerce sua profissão por mais tempo, haja vista que a grande maioria (57%) dos entrevistados portugueses possuem menos de 5 anos de experiência (RESENDE; MESQUITA; ROMERO, 2007).

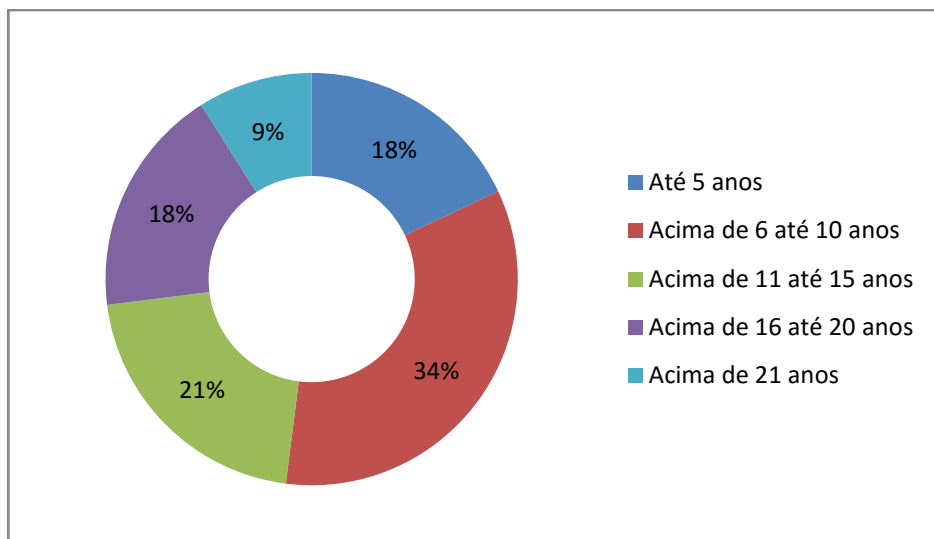


Figura 3 – Tempo de atuação profissional dos treinadores

Apesar das evoluções em vários contextos do voleibol de praia no Brasil, a instabilidade financeira ou a falta da caracterização do profissionalismo do treinador, ainda resistem com o passar dos anos. Batista (2006) aponta que a maior dificuldade encontrada em entrevista com os treinadores em 2005, foi à instabilidade profissional com 74%, seguido de perto do problema com a remuneração com 70%.

Os resultados da presente pesquisa ratificam esses achados, visto que atualmente 83% dos treinadores não possuem vínculos empregatícios, enquanto os 17% que possuem, estão vinculados a prefeituras ou instituições de ensino superior (Figura 4).

Essa instabilidade profissional em qualquer organização é um gerador de insegurança. Marturelli Jr. (2002) em sua investigação, aponta que 42% dos treinadores de futebol do Brasil no início dos anos 2000, tiveram como principal problema em sua organização de trabalho, a instabilidade profissional. Essa inconstância também é verificada no voleibol de praia, especialmente com a saída de treinadores brasileiros para outros países, como: USA, França, Itália, Chile, Paraguai todos movidos pela formalização profissional e segurança financeira presente nestes países.

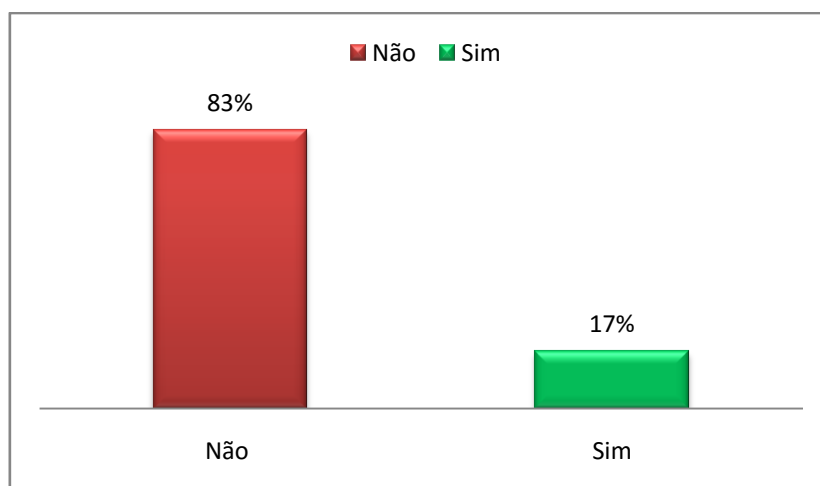


Figura 4 – Vínculo empregatício dos treinadores

Dessa forma, o modelo de remuneração do treinador do voleibol de praia brasileiro atualmente, está firmado no percentual adquirido sobre a premiação dos atletas. Esse modelo é tradicional e estudos prévios já indicavam essa informalidade nos vencimentos desta classe. "Assim, quanto mais à equipe produzir (vencer), maior será a remuneração do treinador" (BATISTA, 2006).

Não somente na remuneração do treinador, esse modelo do rateio da premiação, também foi apontado em 43% como o maior responsável pela manutenção do local de treinamento (Figura 5) e o recurso principal com 45% para o deslocamento de toda a equipe técnica para as competições nacionais (Figura 6).

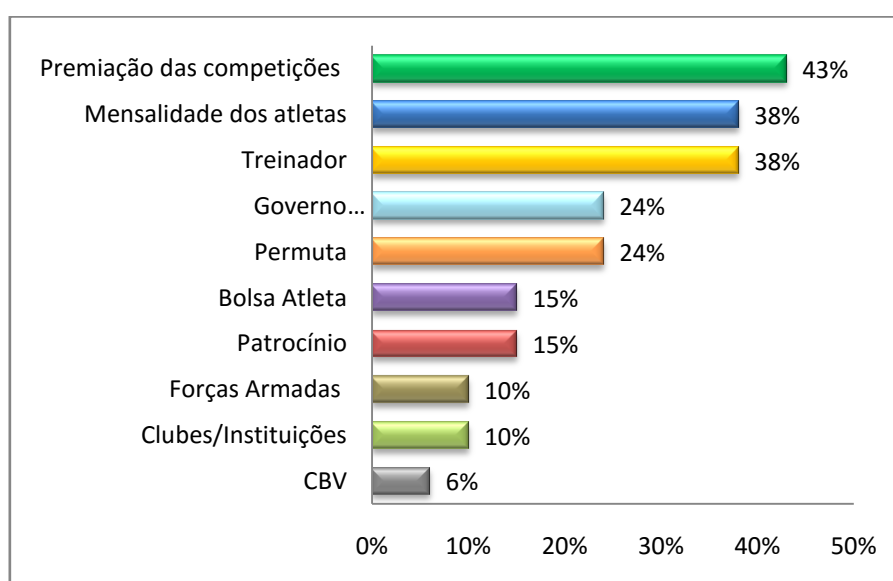


Figura 5 – Fonte de recursos financeiros para o local de treino

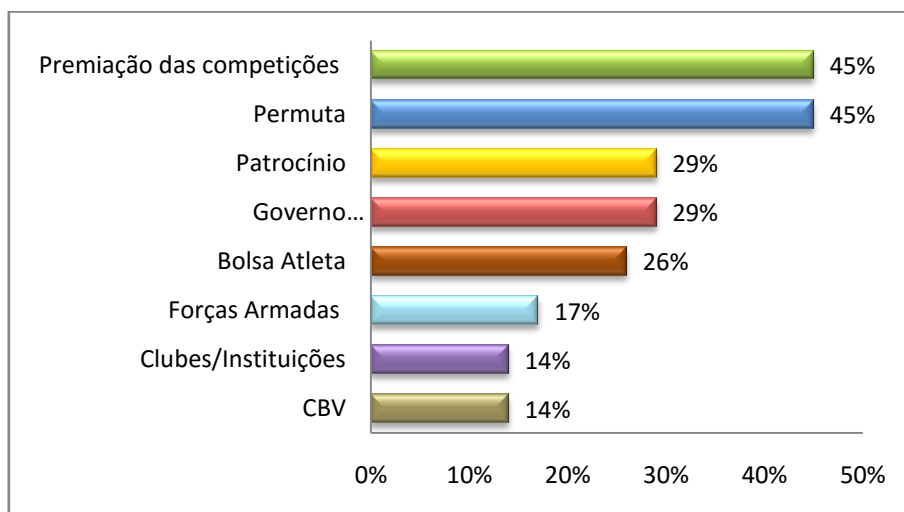


Figura 6 – Fonte de recursos para a equipe técnica participar das competições

Ou seja, no momento atual, a premiação dos atletas na competição é responsável pela manutenção do centro de treinamento, pela provisão logística para a equipe técnica participar da competição e pelo salário do treinador. Este, por sua vez, emprega parte do seu recurso proveniente da premiação, também na manutenção do local de treino, configurando assim um ciclo financeiro ineficiente do profissional de voleibol de praia brasileiro (Figura 7).



Figura 7 – Ciclo financeiro ineficiente do profissional de voleibol de praia brasileiro

Com a evolução do esporte e a necessidade de equipes multidisciplinares acompanharem os jovens atletas, mas principalmente as equipes de alto rendimento, faz com que a linha de staff do voleibol de praia seja ampla. Na Figura 8 é apresentada a quantidade e diversidade de profissionais envolvidos nas equipes entrevistadas. Destaque para o preparador físico, que é presente em 73% das equipes, e assume atualmente um papel relevante nessa configuração do grupo de trabalho, semelhante aos resultados encontrados em estudos anteriores (BATISTA, 2006).

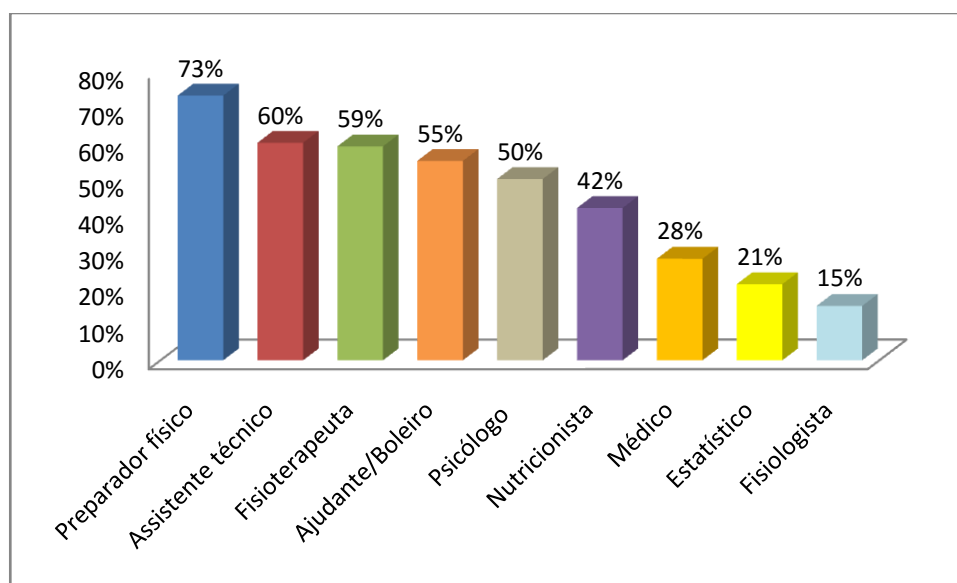


Figura 8 – Linha de profissionais envolvidos na equipe

#### 4.4 DOE na perspectiva do atleta de alto rendimento

Os atletas brasileiros que disputam o circuito nacional, também participaram da pesquisa, dentre os 60 entrevistados estavam presentes campeões mundiais e atletas olímpicos.

Com relação ao perfil deste grupo de esportistas, verificou-se que a faixa etária está situada entre 17 a 44 anos e os atletas estão distribuídos principalmente nas regiões Nordeste (48%), Sudeste (33%) e com menores percentuais nas regiões Norte (9%), Centro-Oeste (5%) e Sul (5%). Assim como no perfil de treinadores do presente estudo, há tendência das equipes de voleibol de praia se concentrarem na região Nordeste e Sudeste, devido principalmente a condição climática favorável.

Apesar das boas condições para a prática e de crescimento considerável da modalidade, os resultados do presente estudo apontam que atualmente 63% dos atletas participantes do circuito brasileiro são oriundos do voleibol *indoor* e apenas 23% iniciaram seus treinamentos diretamente no voleibol de praia. Já com relação ao tempo de atuação profissional, encontra-se com maiores percentuais (34%) atletas que possuem prática entre 6 - 10 anos, enquanto atletas com mais de 21 anos de experiência somam apenas 2% (Figura 9).

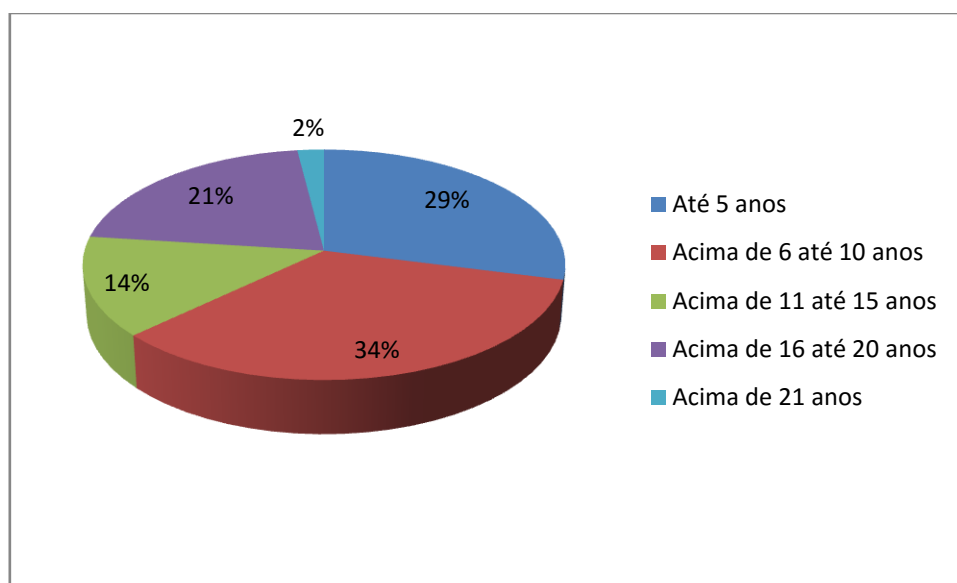


Figura 9 – Tempo de atuação profissional dos atletas

Esses resultados apontam para um perfil jovem dos jogadores de voleibol de praia, e conseqüentemente baixas possibilidades de se perpetuar em atividade por mais de vinte anos de carreira. Estes achados corroboram com o entendimento de Damo (2007), o autor descreve a carreira de um esportista sendo muito específica, e com aposentadoria precoce, em média com trinta e cinco anos de idade.

Apesar dessa brevidade na carreira, o retrato do nível de escolaridade dos atletas de voleibol de praia brasileiro é relevante quando observados ainda em atividade. Dentre os entrevistados 22% possuem o ensino superior completo e outros 39% o superior incompleto (Figura 10). Esses números chamam a atenção, principalmente quando comparados com atletas de futebol brasileiro da primeira divisão, onde na temporada de 2016 apenas 2% estavam



cursando ou haviam concluído o ensino superior (DUARTE; MARTINI; 2006). Certamente há à necessidade de estudos futuros para aprofundar essa questão, contudo, destaca-se notoriamente que formação acadêmica em nível superior está presente na cultura dos atletas de voleibol de praia.

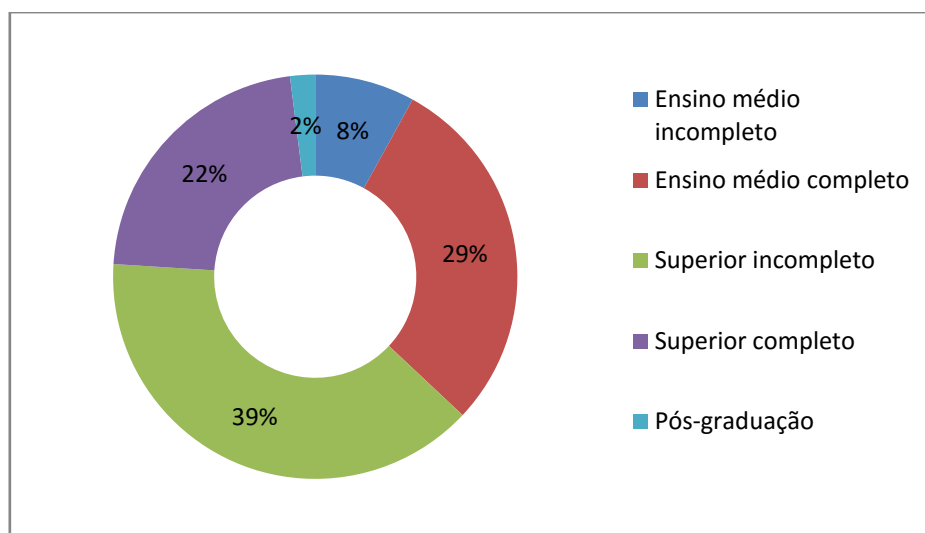


Figura 10 – Formação acadêmica dos atletas

Quando perguntados se os atletas possuíam vínculo empregatício 88% responderam negativamente. Para um esporte com repercussão olímpica, considerado profissional e de alto nível, estes números chegam ser impressionantes, ou seja, a categorização como profissional, se relacionado ao vínculo empregatício, está restrita a apenas 7 atletas.

Essa informalidade foi reportada no estudo de Borba e Muniz (2017) onde os autores apresentam essa diferença contratual entre o voleibol *indoor* e o voleibol de praia. Apontando justamente os contratos firmados com clubes e associações como o distinto entre as modalidades. Essa dificuldade também é compartilhada com equipes de futsal feminino das seleções Sul Americanas participantes do estudo de Martins et al., (2018), nesta pesquisa mais de 65% das atletas que disputavam a competição, também não possuíam remuneração advinda da dedicação ao esporte.

Os resultados apresentados na Figura 11 apontam o desprendimento financeiro dos atletas para as participações nas competições nacionais.

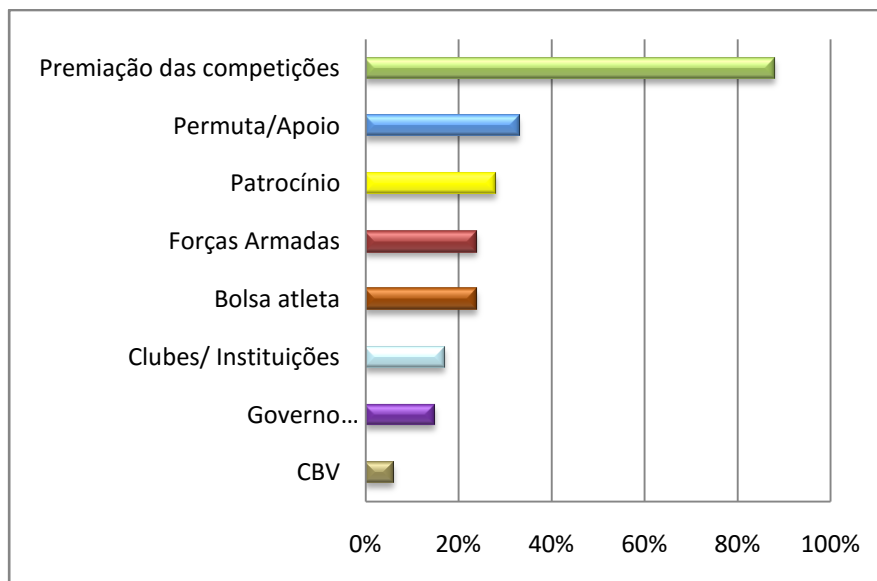


Figura 11 – Fonte de recursos para o atleta participar das competições

Nesse sentido, para 88% dos jogadores, o provento adquirido com a premiação das competições é a fonte responsável para o financiamento da sua presença nas etapas. Não obstante, os mesmos 88% dos atletas, são responsáveis pelas demandas financeiras mensais do seu respectivo centro de treinamento. Isto é, mais uma vez a caracterização do ciclo financeiro ineficiente do profissional de voleibol de praia brasileiro, apresentado anteriormente, onde remuneração adquirida, agora pelo atleta, como resultado do seu rendimento, retorna para o custeio dos gastos para o treinamento e deslocamento para as competições.

Como perspectiva para a mudança deste atual cenário, o presente estudo propôs a formalização profissional dos centros de treinamentos e atletas do voleibol de praia brasileiro a partir do vínculo com instituições como clubes, empresas ou associações. Os resultados indicam de modo expressivo a aceitação "muito importante/extremamente relevante" em mais de 85% nas respostas dos treinadores e também dos atletas.

Esse formato clubista é apresentado na literatura como local de grande fomento esportivo, sendo considerado o principal centro para a aprendizagem de jovens atletas, haja vista que estes ambientes normalmente possuem infraestrutura adequada para a prática esportiva, sobressaindo até mesmo do espaço escolar, conforme estudo sobre a iniciação do futsal (MARTINS et al., 2018).

Nessa perspectiva, o referido modelo é extremamente desenvolvido no voleibol *indoor*, segundo Maroni; Mendes; Bastos (2010) na Superliga 2007-2008 aproximadamente 73% das equipes participantes da competição, pertenciam a clubes. Entende-se com isso que a estrutura organizacional do voleibol *indoor* brasileiro, está alicerçada no padrão institucional. Dessa forma, questiona-se a viabilidade deste molde institucional, também ser adotado no voleibol de praia, a fim de garantir maior fomento do esporte na iniciação, mas principalmente, fortalecer os vínculos empregatícios dos atletas e comissão técnica, proporcionando um caráter profissional para a modalidade.

Desse modo, com o intento de perpetuar os excelentes resultados frente a profissionalização e a evolução dos outros países, sugere-se ao voleibol de praia brasileiro a necessidade do estabelecimento de vínculo com clubes, e de maneira gradual projetar mudanças mais profundas na organização institucional da modalidade. É exemplo do modelo de formalização profissional das Forças Armadas, exclusivo para atletas, atrelados através do programa de alto rendimento. Este benefício contempla atualmente mais de 20% dos participantes do circuito brasileiro.

Nessa proposta clubista, o atleta e sua equipe seriam amparados pelos benefícios disponíveis, não somente no quesito de estrutura, mas principalmente na logística de competições para ele e toda a equipe de profissionais envolvidos.

## 5 CONCLUSÃO

A partir dos resultados encontrados, conclui-se que o instrumento DOE alcançou significativa validação, sendo uma importante ferramenta para pesquisas em esportes.

Sobre o histórico do processo do desenvolvimento da modalidade, constata-se que o Brasil reduziu consideravelmente a quantidade de etapas do circuito nacional, em contraponto ao crescimento exponencial de etapas do circuito mundial.

Com relação ao DOE na perspectiva dos treinadores e dos atletas, devido à informalidade profissional, ambos não possuem condições ideais para desenvolvimento da modalidade. Percebe-se que apenas um pequeno grupo de atletas e treinadores dispõe de recursos para a participação e desenvolvimento em alto nível de trabalho.

O Brasil é referência no voleibol de praia, mas a informalidade tem distanciado o país da tradicional rota do crescimento. Contudo, acredita-se que esteja em tempo de realizar ajustes, estando mais sensíveis as necessidades dos profissionais envolvidos, para que se alcance a formalização profissional merecida.

Desta feita, acredita-se que a regulamentação dos centros de treinamentos juntos a CBV e o incentivo destes, à institucionalização por meio de clubes, empresas ou associações, semelhantemente ao voleibol indoor, sejam passos de renovação necessária, de um modelo vencedor, mas para além de vitorioso, seja profissional.

## 6 REFERÊNCIAS

ABURACHID, L. M. C.; GRECO, P. J. Processos de validação de um teste de conhecimento tático declarativo no tênis. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 21, n. 4, p. 603–610, 2010.

ABURACHID, L. M. C.; PÉREZ MORALES, J. C.; GRECO, P. J. Test validation process of tactical knowledge in Tennis the Influence of Practice Time and Competitive Experience. **International Journal of Sports Science** 2013, v. 3, n. 1, p. 13–22, 2013.

AFONSO, G.F. **A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983-2008)**. 2011. 214 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

AFONSO, G.F. **Voleibol de Praia: uma análise sociológica da história da modalidade (1985-2003)**. 2004. 233f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

AFONSO, G.F.; MARCHI JÚNIOR, W. Como pensar o voleibol de praia sociologicamente. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.72-83, jan./mar. 2012.

ANDRADE, R. D. et al. Validade de construto e consistência interna da Escala de Práticas no Lazer (EPL) para adultos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 519–528, 2018.

ARDOINO, J. & BROHM, J.M. Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain. In: Baillelte, F. & Bhohm, J.M. (Eds.), **Critique de la mordenité sportive (pp.)** Paris: Les Éditions de la Passion. Bourdieu, P. (1993). *Deporte y clase social*.

BATISTA, G.R. **Organização do trabalho dos treinadores de vôlei de praia de alto rendimento do circuito brasileiro de 2005**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal da Paraíba, Brasil, 2006.

BALBINOTTI, M. A. A.; BENETTI, C.; TERRA, P. R. S. Translation and validation of the Graham-Harvey survey for the Brazilian context. **International Journal of Managerial Finance**, v. 3, n. 1, p. 26–48, 2006.

BERTOZZI, P. Eu sou a lenda. **Revista Máquina do Esporte: a revista do marketing esportivo**. São Paulo, v. 6, n. 1, 2008

BERK, R. A. Importance of Expert Judgment in Content-Related Validity Evidence. **Western Journal of Nursing Research**, v. 12, n. 5, p. 659–671, 1990.

BORBA, L.; PORDEUS MUNIZ, H. “Mudando para o time”: a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia. **Laboreal**, v. 13, n. 1, p. 56–65, 2017.

COLUCI, M. Z. O.; ALEXANDRE, N. M. C.; MILANI, D. Construção de instrumentos de medida na área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 3, p. 925–936, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. Institucional. História. **Vôlei de Praia**. Disponível em <<http://www.volei.org.br/institucional/histpraia.asp>>. Acesso em 20/06/2018.

COSTA, M.M. **Vôlei de praia: configurações sociais de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasil, 2005.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007.

DUARTE, G; MARTINI, L. **Graduados da bola: apenas 15 atletas da série A alcançam ensino superior**. Globo Esporte.com, Belo Horizonte, 07 de junho de 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2016/06/graduados-da-bola-apenas-14-atletas-da-serie-alcancam-ensino-superior.html>

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Vôlei de praia: O único esporte que o Brasil é líder de medalhas**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/volei-de-praia-o-unico-esporte-que-o-brasil-e-o-lider-de-medalhas> Acesso em: 20/06/2018.

ESTEVES, B. A trajetória do esporte moderno: dos primórdios ao fenômeno social. **EFDesportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 19, No 199, Diciembre de 2014. <http://www.efdesportes.com>

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE VOLEIBOL. Beach Volleyball. The game. **Beach volleyball history**. Disponível em: <http://www.fivb.org/EN/BeachVolleyball/History.asp> Acesso em: 20/06/2018.

FONSECA-TOLEDO, C.; ROQUETTI, P.; FERNANDES-FILHO, J. Perfil antropométrico de atletas brasileiros de voleibol infanto juvenil em diferentes níveis de qualificação esportiva. **Revista de Salud Pública**, v. 12, n. 6, p. 915–928, 2010.

GRANT, J. S.; DAVIS, L. L. Selection and use of content experts for instrument development. **Research in Nursing & Health**, v. 20, n. 3, p. 269–274, 1997.

GRECO, P. J. et al. Validação de conteúdo de ações tático-técnicas do teste de conhecimento tático processual - orientação esportiva. **Motricidade**, v. 10, n. 1, p. 38–48, 2014.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. A. **Contributions to statistical analysis**. 1. ed. Mérida: Universidad de Los Andes, 2002.

KUNZ, E. **“Transformação didático-pedagógica do esporte.”** 7. ed. Ijuí: Editora Unijui, 2006.

LACERDA, D.F.P. **Modelo de jogo ofensivo no voleibol de praia de elite: caracterização da organização do processo ofensivo a partir da recerção do serviço.**2002. 144f. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento) – Universidade do Porto, Portugal, 2002.

MACHADO, T. A.; VALENTIM, F. P.; STEFANELLO, J. M. F. Validade de critérios da escala de autoavaliação do saque do voleibol - Relação entre eficácia, efetividade e autoavaliação do saque de atletas brasileiros infantis. **Journal Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 1–9, 2016.

MARONI, F. C.; MENDES, D. R.; BASTOS, F. C. D. C. Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 2, p. 239–248, 2010.

MARQUES JR., N.K. História do voleibol de areia. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 17, n.171, ago 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em : 18 jun. 2018.

MARTINS, M. Z. et al. Entre o amadorismo , a profissionalização e a carreira dupla : o futsal feminino de elite sul-americano. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26(1), p. 143–155, 2018.

MEDEIROS, A. I. A. et al. Estudo da variação de indicadores da performance no decurso do jogo em voleibol de praia. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 12, n. 1, p. 73–86, 2012.

MORALES, J. C. P.; GRECO, P. J.; ANDRADE, R. L. Validade de conteúdo do instrumento para avaliação do conhecimento tático processual no basquetebol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 12, p. 31–36, 2012.

MORROW, J. J. et al. **Medida e avaliação do desempenho humano**. 4º ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**. 1. ed. Brasília,DF: Prática, 1999.

PETROSKI, E. L. et al. Características antropométricas, morfológicas e somatotípicas de atletas da seleção Brasileira masculina de voleibol: Estudo descritivo de 11 anos. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 15, n. 2, p. 184–192, 2013.

PINTO, J., SUCUPIRA, G. B., & RAPOSO, D. Análise Quantitativa de Componentes do Voleibol de Alto Nível. **Trabalho apresentado no Fórum Brasileiro de Educação Física e Ciências do Esportes e V Simpósio Mineiro de Ciências do Esporte PARTE II**. Viçosa, Brasil, Setembro de 2002.

PIRES, Giovanni. Breve Introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, 9(1) 25-34, 1998.

RESENDE, R.; MESQUITA, I. R.; ROMERO, J. F. Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de voleibol em Portugal. **Revista Digital - Buenos Aires**, v. 12, n. 112, p. 1–13, 2007.

RUBIO, K. O Imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, 18 (1): 86-91; jan/abr. 2006

SUCUPIRA, G. **Análise da eficácia das ações de jogo do voleibol masculino e feminino de alto rendimento na fase inicial, intermediária e final dos sets**. Tese de Doutorado, Uiversidad de Sevilla, Sevilla 2014.

SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A. **Tradução e validade de conteúdo do Youth Sport Value Questionnaire 2**. Revista Brasileira de Ciencias do Esporte, v. 37, n. 4, p. 383–388, 2015.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.



**APÊNDICE A**

**COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL  
INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO  
CURSO DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO - CEAR  
ACADEMIA BRASILEIRA DE TREINADORES - ABT**

**PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL DE PRAIA**

(validade de conteúdo)

Prezado,

Vossa Senhoria está sendo convidado a servir como um juiz especialista, por notório reconhecimento da sua atuação na área e/ou na pesquisa envolvendo o voleibol de praia. Sua participação na avaliação deste instrumento é de extrema valia para cumprimento da etapa preliminar deste estudo.

Essa ficha de observação será utilizada na coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado "**DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL DO VOLEIBOL DE PRAIA E PERSPECTIVAS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE**" sob a orientação do Prof. Dr. Abdallah Achour Junior. O objetivo geral deste estudo é: diagnosticar as formas de desenvolvimento da modalidade e apontar perspectivas para a profissionalização.

A avaliação consiste de dois parâmetros, a partir da ótica do:

- *Atleta;*
- *Treinador.*

Solicitamos que determine o quanto está adequado cada item de observação apresentado, atribuindo um conceito para cada um deles, em relação à clareza de linguagem e à pertinência prática. Para tal avaliação solicitamos usar a escala a seguir:

1	Inadequado
2	Pouquíssimo adequado
3	Pouco adequado
4	Adequado
5	Muito adequado

A *clareza de linguagem*, considera a linguagem utilizada nos itens, tendo em vista as características da população que fará uso do questionário (técnicos e atletas de voleibol de praia). A pergunta a ser respondida é: "O senhor(a) acredita que a linguagem de cada item de observação é suficientemente clara, compreensível e adequada para esta população? Em que nível?

A *pertinência prática*, considera se de fato cada item de observação possui importância para o questionário. A pergunta a ser respondida é: "O senhor(a) acredita que os itens propostos são pertinentes para diagnosticar as formas de desenvolvimento do voleibol de praia e suficientes para apontar perspectivas para a profissionalização? Em que nível?

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e contamos com sua participação!

## APÊNDICE B

**COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL  
INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO  
CURSO DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO - CEAR  
ACADEMIA BRASILEIRA DE TREINADORES - ABT**

**DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL DO ESPORTE (DOE)  
QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS JUÍZES ESPECIALISTAS**

**Instrução:** Por favor, marque com um "X" na opção mais adequada e conforme a escala a seguir:

- 1 Inadequado
- 2 Pouquíssimo adequado
- 3 Pouco adequado
- 4 Adequado
- 5 Muito adequado

**A) Questões apresentadas tanto para atletas quanto treinadores:**

1) Em relação à quantidade de material disponível para seu treinamento, você considera: (de insuficiente a suficiente)

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

2) Quais as fontes de recursos financeiros para o seu local de treino?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

3) Você possui vínculo empregatício na modalidade?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

4) Quais as fontes dos recursos para você e/ou sua equipe técnica participarem das competições?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5) Com relação a sua equipe técnica, quais os profissionais envolvidos? (especifique uma função por profissional)

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

6) Na escala abaixo, o quanto você acredita que o modelo a partir do vínculo com clubes, empresas, associações e/ou outras instituições é relevante para a profissionalização e/ou evolução da modalidade no Brasil?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

**b) Questões apresentadas somente para os treinadores:**

7) Quais as fontes dos recursos para seus atletas participarem das competições?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

**c) Questões apresentadas somente para os atletas:**

8) Qual sua posição no ranking nacional?

Clareza					Pertinência				
1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Caso você tenha novas observações ou sugestões, por favor, utilize o espaço a seguir:

**ANEXOS**

## ANEXO A

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE  
SÁ/ UNESA/RJ

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Identificação dos modelos organizacionais do voleibol de praia e perspectiva para a profissionalização da modalidade.

**Pesquisador:** Leopoldo Sindice da Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 95886418.9.0000.5284

**Instituição Proponente:** Universidade Estácio de Sá/ UNESA/RJ

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Numero do Parecer:** 2.955.520

**Apresentação do Projeto:**

O projeto intitula-se: "Identificação dos modelos organizacionais do voleibol de praia e perspectiva para a profissionalização da modalidade."

**Objetivo da Pesquisa:**

Segundo os autores: "Diagnosticar os modelos de desenvolvimento do voleibol de praia no Brasil e apontar perspectivas para a profissionalização da modalidade".

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Foram corretamente avaliados nas informações da pesquisa e no TCLE. Os riscos são mínimos e os benefícios estão associados ao possível aprendizado envolvido na elaboração do estudo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem relevância restrita aos profissionais de educação física. No entanto, trata-se de pesquisa muito em descrita.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos corretos após cumprimento das pendências.

**Recomendações:**

Pesquisador deve sempre fazer maior previsão para as atividades de um cronograma. Essa é uma forma de não gerar dúvidas quanto ao momento da abordagem do participante.